

## A LEGENDA DE AMADIS

As narrativas heróicas da nossa Idade Média terão surpreendido e apaixonado as gentes da Europa tanto quanto as grandes epopeias antigas enriqueceram as terras do Mediterrâneo e, por magia dos povos, toda a terra. Espalhadas de boca em boca por jograis e menestrelis, do verso à prosa, essas narrativas mais do que glorificarem o nome de um herói, de uma família de reis ou de um lugar, eram canções prodigiosas que, sobretudo, exaltavam o espírito duma época com os seus elementos humanos e sobrehumanos, num universo mágico. Os episódios que então se cantavam eram relatos de aventuras heróicas onde o simples gosto da viagem, alma religiosa e o amor se confundiam numa só atmosfera dando voz ao imaginário medieval. Mesmo para aqueles que da Idade Média não alcançam senão uma espécie de obscuridade terão de concordar que a rudeza e a crueldade dessa época não é mais que a afirmação

do humano num mundo despido de facilidades, a presença das coisas simples, mas infinitamente ricas e complexas. O sonho medieval - porque essa época também o teve – encontrou na música, nos versos, no teatro, os modos simples de se revelar, e os seus ideais vingaram na alma das pequenas comunidades, nas cidades, nas feiras, e se a ele ainda quisermos ter acesso basta-nos querer compreender o que se esconde por detrás dum mundo hoje faustoso e ao mesmo tempo indicador de grande miséria. Não seria demais falar de ética, de política, de estética, mas se ainda alguma transparência existe nestas palavras deixemos que elas melhor se compreendam com o uso de outras não menos transparentes.

No século XII ganharam fama na Península os “Romances da Távola Redonda”, obra primeira do chamado ciclo Arturiano. A fundação de Portugal era recente e o idioma português, resultado que foi do latim popular – colonos e funcionários romanos – e posteriormente do Romanço, evolução natural que sob a influência de outros povos, sobretudo árabes, ganha maior riqueza lexical, torna-se numa língua própria. De “Amadis de Gaula” sabe-se que foi obra conhecida em Portugal nos finais

do século XIII. Nesse tempo, os poetas trovavam os versos galaico-portugueses e deve dizer-se que no esplendor duma época em que reinaram D. Afonso III e D. Dinis. A paternidade literária do “Amadis de Gaula” tem sido largamente discutida e o que realmente se sabe é que não se sabe se o original primitivo era português ou castelhano. Naturalmente que as argumentações que se opõem suportam grande validade mas faz-se justiça aos interesses da literatura universal se considerarmos o “Amadis” como obra peninsular. Trata-se não de desprezar o orgulho pátrio por uma obra, mas de o tornar solidário com o ideal que preside ao património das grandes obras universais: o enriquecimento cultural da humanidade. Não foi o “Lancelote do Lago” esquecido em França para se tornar num êxito da maravilha inglesa a partir do século XV? Uma tradução daquele romance foi o suficiente para maravilhar as gentes de Inglaterra com as aventuras destemidas dos cavaleiros do Rei Artur nos bosques húmidos da Grã-Bretanha.

A geografia do “Romance de Amadis” situa-nos, talvez, nas terras das ilhas Britânicas, mas esse era o gosto dos autores heróicos da idade média. O lirismo não tem, obviamente, fronteiras demarca-

das como certas qualidades de vinho, mas há lugares onde a poesia desponta com uma naturalidade surpreendente. É o caso de Portugal.

A terra é uma sugestão constante nos Romanes de Cavalaria. Nela se recolhem os valores mais altos da vontade humana, sinal de pureza, lugar de guerra e de renovação. “Amadis” é um cavaleiro da terra, amante fiel da sua amada e das coisas valerosas, filho de Rei porque assim nasceu e este é o fascínio da sua legenda.

Amadis, que usou o nome da terra a que deu fama e que mais tarde serviria de exemplo a outro grande aventureiro, D. Quixote, autotitulando-se de la Mancha, foi um cavaleiro excelente. Herói, como não podia deixar de sê-lo, Amadis é ousado nas batalhas e fraco no vício da fama. A espada e Oriana fazem dele o cavaleiro do amor e adepto da justiça. Pensada como escola de virtudes, a cavalaria foi sempre a demanda de qualquer coisa e a sua mística tanto foi o Graal como o amor venturoso duma donzela. As suas regras importavam valores altíssimos de entrega apaixonada, ética do exemplo e da observação religiosa, e as aventuras de um grupo de cavaleiros ou de um só fazem-nos hoje pensar na igualdade essencial dos seus princí-

pios. D. Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, viu salvar-se do castigo do fogo o “Amadis de Gaula”, obra que lhe maravilhou o juízo. Para D. Quixote, a Cavalaria Andante é uma Ciência tão boa como a Poesia e nela se reúnem todas as outras ciências do mundo. Nela está a Teologia, a Medicina com as suas ervas mágicas, a Astrologia, a Matemática, e porque não pode ser um cavaleiro andante aquele que não souber alertar o coração daqueles que não têm fé; aquele que não puder curar os que sofrem de feridas; aquele que não souber olhar os céus e adivinhar as horas que passaram na noite; aquele que não souber usar os números para melhor distribuir as riquezas; enfim, não pode ser cavaleiro andante aquele que não estiver tão próximo da verdade e da justiça como ligados estão o céu e a terra.

O encanto da história de Amadis, e que tanto terá apaixonado Miguel de Cervantes, é que nela podemos encontrar a utilidade da poética como força renovadora das forças do mundo, a poesia tão íntima à guerra dos justos e à presença do amor. Os versos da Saudade não são menos puros que os gritos guerreiros numa noite da planície, e Amadis, herói da Unidade, é, para nós, um simples exemplo.

E antes que possa, finalmente, gozar com a sua amiga os bens da eternidade, Amadis tem de lutar e vencer o imperador de Roma. Como se ocultasse uma infelicidade possível, Roma é amor, e por ele combate Amadis até haver fim para a sua vida.

A.N.

## Notícia

Escrito no Verão de 1984, *Amadis* foi concebido a partir da adaptação dramatúrgica de O *Romance de Amadis*, de Afonso Lopes Vieira. Nele se incluem algumas rubricas que fazem parte da encenação que João Mota apresentou no espectáculo homónimo da Comuna – Teatro de Pesquisa e que, portanto, se vieram ao lume das letras, a ele se devem. A cantiga d’amigo é da autoria de Nuno Fernandes Torneol, poeta que se julga ter vivido no século XIII, e a adaptação dos versos é de Natália Correia. A obra *Amadis* foi apresentada pela primeira vez em Julho de 1985 pela Comuna – Teatro de Pesquisa, na estreia da sua nova sala de espectáculos, com a seguinte distribuição:

*Prólogo:*

El-rei Perion de Gaula **Almeno Gonçalves**

Elisena **André Nuno**

Darioleta, ama de Elisena **António Melo**

Trovador **Paulo Ferreira**

Gandales, vassalo d'el-rei Languines **Jorge Loureiro**

Urganda **Amélia Videira**

El-rei Languines **Abel Neves**

Rainha **Cecília Sousa**

Amadis, criança **Paulo**

Gandalin, criança **Ivo**

Oriana **Maria Marília**

Amadis **Carlos Paulo**

Gandalin **José Pedro Gomes**

Mabília **Isabel Medina**

El-rei Perion de Gaula **João Mota**

Melícia, filha d'el-rei Perion **Cecília Sousa**

Elisena **Carmen Marques**

Dardan **Jorge Loureiro**

El-rei Lisuarte **Marques Arede**

Rainha **Amélia Videira**

Viúva **Cecília Sousa**

Escudeiro **António Melo**

Arcalaus **Almeno Gonçalves**

Barsinan **André Nuno**

1.º Conselheiro **Alfredo Brissos**

2.º Conselheiro **Jorge Loureiro**  
3.º Conselheiro **António Melo**  
Mulher **Cecília Sousa**  
Ermita **João Mota**  
Corisanda **Carmen Marques**  
Escudeiro **Abel Neves**  
Músico [flauta de bisel] **André Nuno**

Encenação e Versão cénica **João Mota**  
Recolha, direcção musical e tema da cantiga d'amigo  
**José Pedro Caiado**  
Música original **Tó Neto**  
Coreografia **Wanda Ribeiro da Silva**  
Esgrima **Mestre João Vinha**  
Jogo do pau **Henrique Andrade**  
Figurinos **Carlos Paulo**  
Máscaras e adereços **Carmen Marques e**  
**Jorge Loureiro**  
Montagem **Abílio Apolinário, Carlos Delgado e**  
**Quim Ferreira da Silva**  
Execução do guarda-roupa Mestra **Amélia Varejão**  
Fotografias **Abílio Apolinário, Carlos Delgado e**  
**José Pedro Gomes**  
Assistência de encenação **Carmen Marques e**  
**Paulo Ferreira**  
Assistência geral **Conceição Cabrita**  
Produção **Comuna -Teatro de Pesquisa**





*Personagens:*

Amadis, Oriana, Gandalin, Mabília, El-rei Perion de Gaula, Elisena, Melícia, filha d’el-rei Perion, Darioleta, Gandales, vassalo d’el-rei Languines, El-rei Languines, Primeira Rainha, El-rei Lisuarte, Segunda Rainha, Ermita, Urganda, Arcalaus, Barsinan, Dardam, Escudeiro, Primeiro Conselheiro, Segundo Conselheiro, Terceiro Conselheiro, Mulher, Viúva, Pajem, Jovem Cavaleiro, Corisanda, nobres cavaleiros, donzelas, gente do povo, grupo de actores, músicos, Trovador.

## QUADRO I

[Prólogo]

*El-rei Perion de Gaula, Elisena, Darioleta, Trovador e grupo de actores e músicos.*

*Um pomar. A lua clareia a noite. Os actores assistem à representação.*

*[Este quadro é, simultaneamente, uma apresentação de alguns dos actores que representarão a peça e o início da história de Amadis.]*

EL-REI PERION

*Beijando as mãos de Elisena.* em breve tereis novas das minhas andanças, Elisena

ELISENA

por que partis tão de repente?

EL-REI PERION

senhora, promessas de cavaleiro, não queirais saber porque parto, pensai no dia em que vos tomarei nos braços à vista de todo o mundo

ELISENA

ah, meu bom cavaleiro, sinto o peito encher-se de mágoa

EL-REI PERION

não choreis, que a alegria é melhor bem *Entra Darioleta, aflita.*

DARIOLETA

apartai-vos senhora, que el-rei vosso pai já mandou que começasse o festim *Para o cavaleiro Perion.* estão todos à vossa espera, senhor

EL-REI PERION

senhora, não choreis, escondi as lágrimas, deixai que me despeça de vosso pai e de vós tomara que nunca tal possa acontecer *Tirando um anel.* ficai com este anel, eu ficarei com outro igual, guardai-o porque nele está o meu coração *Beija Elisena e sai. Elisena cai nos braços de Darioleta e chora.*

ELISENA

que há-de ser de mim? *Saem. Música. Os actores tocam instrumentos musicais. Ambiente de festa. Entra o trovador.*

TROVADOR

senhores, aqui começa a história de Amadis, o Namorado *Pausa.* partiu o cavaleiro Perion, el-rei de Gaula, que à sua infanta deixou saudade, longe ficava o seu reino mas perto o seu amor, não houve

dia em que a Elisena, a donzela bem amada, lhe não corresse as lágrimas, e foi o tempo passando até que o ventre *Faz um sinal indicando a gravidez. Entra Elisena e Darioleta. O trovador sai.*

DARIOLETA

ai, senhora, queira Deus que vosso pai demore na viagem, que faremos do menino?

ELISENA

triste dia em que vi o cavaleiro Perion

DARIOLETA

triste?, ora, senhora, morreis de saudade

ELISENA

bem vês que sofro como ninguém

DARIOLETA

que quereis que eu faça?, não vejo remédio

ELISENA

numa arca o lançarei ao rio, vestido do mais bonito linho, e com ele, este anel

DARIOLETA

senhora, não será crueza lançar assim o menino ao desvario das águas?

ELISENA

e ainda um pergaminho com o seu nome, este é  
Amadis sem tempo, filho de rei

DARIOLETA

mas, a vossa devoção a este filho?

ELISENA

assim o quer o amor *Chora.* meu filho

DARIOLETA

numa arca?

ELISENA

e nela também a espada daquele que é o seu pai,  
vamos, minha amiga, não há tempo a perder, que  
Deus o proteja *Saem. Música de festa. Os actores  
convidam os espectadores a assistirem, noutro lado, à  
continuação da história.*

TROVADOR

ao teatro, ao teatro, ao teatro, assim começou a  
história de Amadis, o Namorado